

Apoio sai para quem der mais

O senador paranaense Afonso Camargo dedica-se à caça ao voto com o entusiasmo de um candidato certo ao Planalto, mas seu futuro de presidente vai esbarrar, no dia 9, data da convenção do PTB, na resistência de uma corrente ainda disposta a partir para uma coligação. Brizola, Aureliano ou Maluf, não importa se é nome de esquerda, centro ou direita: a condição é só a garantia de acesso à chapa, como vice.

"Se fosse para salvar a unidade trabalhista, o partido até abriria mão dessa exigência e se aliaria a Leonel Brizola", anuncia o deputado Gastone Righi, líder da bancada do PTB na Câmara, revoltado com os companheiros que teimam em lançar candidatura própria, mesmo sem chance de vitória. Ele identifica preferências por outros nomes teoricamente abertos a uma aliança, mas logo descarta quem não tem o que dar em troca. Mário Covas, Afif Domingos e Aureliano Chaves, até agora sem vice definido, podem concorrer, mas em Collor de Mello não se fala mais.

Partido de aluguel capaz de fechar negócio com qualquer parceiro? Paiva Muniz, presidente nacional do PTB, reage à suspeita e argumenta com a realidade: "Não anunciamos apoio a ninguém e vamos para a convenção dispostos a examinar o lançamento de uma candidatura própria", afirma ele, jurando neutralidade na disputa de Afonso Camargo com os defensores de uma coligação. Acusado por Gastone Righi de ter torpedeado a aliança com Brizola, ao adiar a convenção para julho (posterior, portanto, à convenção do PDT, que no dia 25 terá de confirmar candidatos a presidente e vice), Paiva Muniz

se defende apelando aos brios trabalhistas dos petebistas históricos: "Brizola rasgou a ficha do PTB na briga com Ivete Vargas e com esse gesto se indispos com boa parcela dos companheiros", alega ele.

A transferência da convenção para julho foi uma manobra de Paiva Muniz para forçar o nome de Afonso Camargo; acusa o líder Righi com o apoio do deputado estadual Barros Munhoz, de São Paulo. Nessa briga contra a candidatura própria, eles e seus aliados de outros Estados (Roberto Magalhães em Pernambuco e Gonzaga Motta no Ceará, por exemplo) lutam com a dificuldade de obter o consenso em um nome capaz de unir todos. "Esse nome poderia ter sido Antônio Ermírio, mas ele não quis ser candidato", lamenta Righi.

Antônio Ermírio ainda continua sendo o sonho do PSD, apesar de todas as juras do empresário de que será candidato.

Diário da campanha

A frase
Durante os próximos 30 dias, quando estiver tocando sua campanha por outros Estados, o deputado Ulysses Guimarães estará representado em São Paulo por meio de uma montanha de papel. Milhares de fotos e cartazes do candidato serão espalhados pelo Interior do Estado, numa tentativa de popularizar o primeiro slogan do partido para a eleição deste ano: "Ulysses mora no coração do Brasil". A frase foi criada pela mulher do deputado, Mora, que ficou satisfeita com o jogo de palavras com os nomes do casal.

"Não queremos um centavo dele, não somos mercenários, mas vamos insistir no convite para se lançar pelo PSD", anuncia o advogado Luiz Paccas, presidente do partido, com a esperança de atrair para essa sigla um nome capaz de lembrar o PSD de Juscelino Kubitschek.

PDC DIVIDIDO

O senador Mauro Borges reafirma a cada instante sua imparcialidade como presidente do PDC, mas não esconde a preferência pelo nome de Leonel Brizola, velho amigo desde a campanha da legalidade pela posse de João Goulart em 1961. Nem deixa de recriminar a disputa entre José Maria Eymael e Ronaldo Caiado, que marcham para a convenção de 7, 8 e 9 de julho como candidatos à Presidência pelo partido.

Borges reconhece que não há chance de vitória na eleição e também por isso encara com simpatia uma coligação. Eymael se apresenta como alternativa para os democrata-cristãos, mas existem, ele reconhece, outras opções: Mário Covas e Collor de Mello também disputam a preferência de correntes do PDC, ao lado de Leonel Brizola.

Sempre que pensam em coligação, os partidos apostam na projeção de sua legenda, mesmo que não tenham chance de vitória. Em troca, oferecem aos presidentes uma vantagem de acesso à TV nos horários gratuitos de propaganda eleitoral. Esse é o trunfo, por exemplo, de Luiz Paccas, que acena com um programa de uma hora de duração, marcado para o dia 22. Não se conte muito com isso, porém, a Justiça Eleitoral está estudando novas normas para a utilização de rádio e televisão durante a campanha.